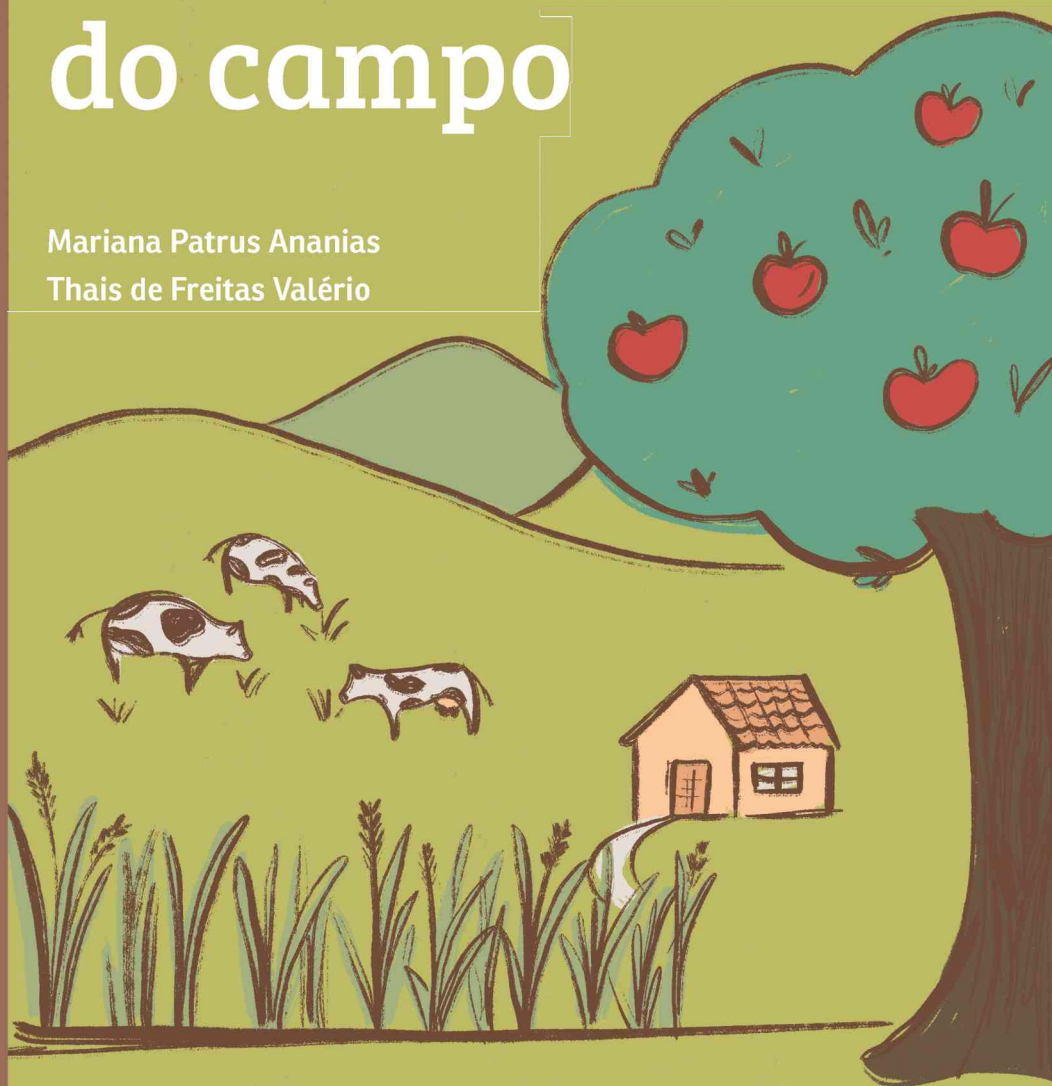
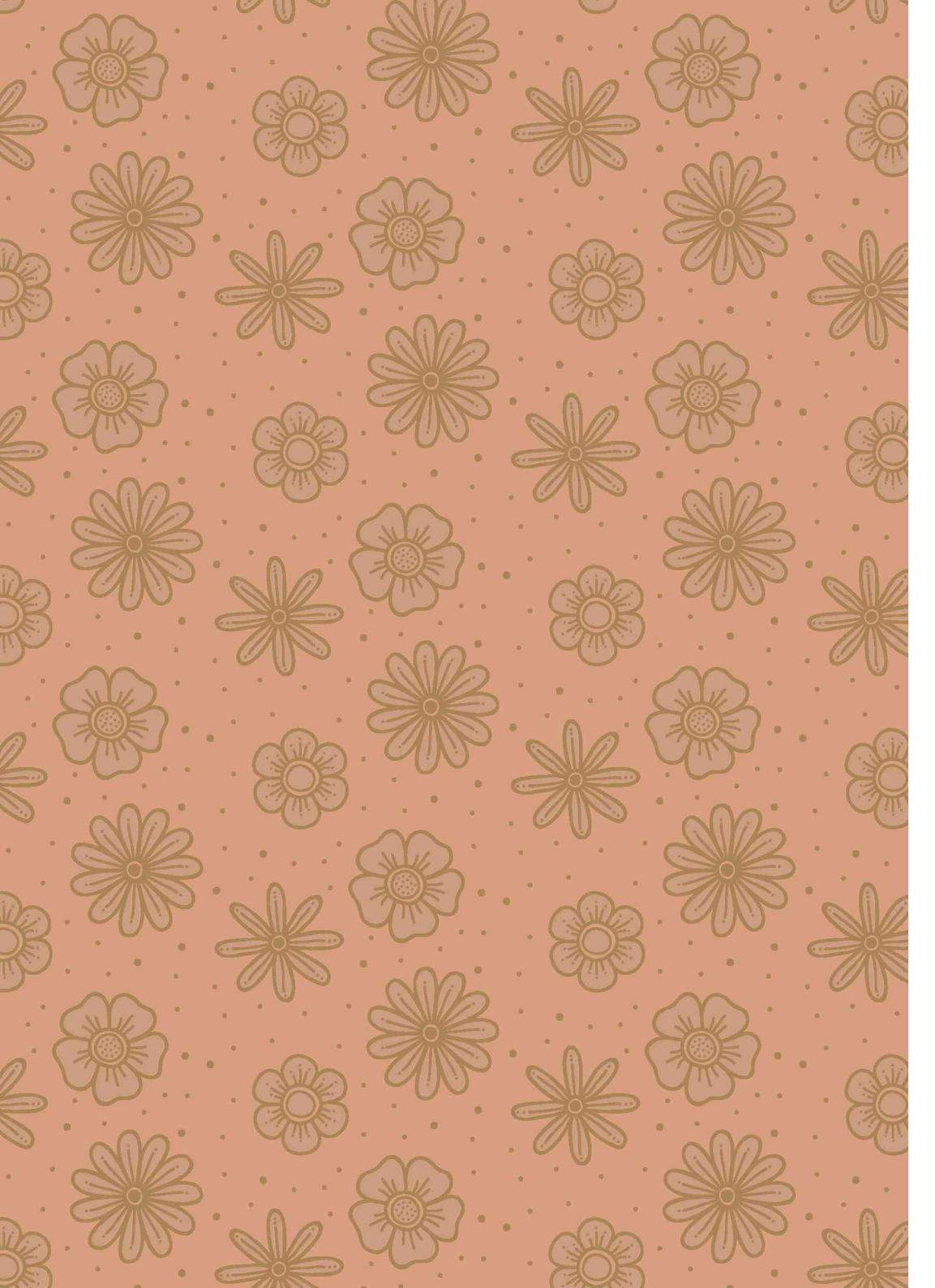


Um recado para os jovens do campo

Mariana Patrus Ananias
Thais de Freitas Valério





Um recado para os jovens do campo

Mariana Patrus Ananias
Thais de Freitas Valério

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Ei! Meu nome é Maria Madalena, mas pode me chamar de Tia Nenzinha. Vim lhe contar um pouco da minha história. Eu nasci em Montes Claros, há 63 anos, em um lugar chamado "Comunidade Abóboras", onde moro até hoje. Aqui, todo mundo é amigo, todo mundo se ajuda e vive muito feliz!

5

Desde que eu me entendo por gente, desde os oito anos de idade, trabalho com a terra. Sempre vivi na zona rural, aprendi a lidar com a terra com minha mãe e meus avós. Meu avô nos levava pra roça. Nunca me esqueço dele ajoelhado nos ensinando como tínhamos que fazer. Naquele tempo, a gente plantava arroz e não podíamos limpar o pé do arroz com a enxada, tínhamos que limpar com a mão. Eu lembro que ele ficava olhando nossas mãos na hora que a gente chegava da roça pra ver se a gente estava fazendo do jeito que ele mandou.

Hoje eu produzo de tudo de horta. É abóbora, é banana, é milho, feijão, cana, hortaliça. Hortaliça é variedade mesmo. Alface, cebolinha, couve. Eu vendo pouco, porque eu não planto muita quantidade. Eu vendo três vezes por semana, entrego

no supermercado e no restaurante. O meu dia de trabalho é bom demais! Eu gosto de levantar cedo, tratar dos animais, cuidar da horta. Eu acho que se eu parar de fazer isso, eu adoço... Quando eu vou pra Montes Claros, fico doidinha pra vir embora. As meninas, para quem eu entrego as folhas lá no supermercado, ontem mesmo me falaram assim: Ô tia, por que a senhora não para, só fica desse jeito, pra lá e pra cá assim? e eu falo: Se eu parar, eu adoço. É o meu dia a dia e é bom.

Eu tenho um amor muito grande pela terra. E acho que é uma vida digna. É muito bom ter aquela certeza de que a gente está servindo uma alimentação saudável. Às vezes, as pessoas falam: Morar na roça é muito difícil, né. Mas não é, as pessoas é que pensam. As pessoas que não conhecem, acham que é difícil, mas não é. Eu acho que a vida aqui é muito mais saudável, é uma vida muito mais tranquila que na cidade. O dia a dia da gente é viver isso: é levantar de manhã, tratar de um porco, tratar de uma galinha, tratar de uma vaca, ir pra horta, molhar a horta, limpar, plantar.

Tem coisa melhor?

Eu trabalhei por certo tempo em um programa do governo chamado “Saberes da Terra”, que é um programa muito bom que trabalha com jovem, ensinando a juventude a trabalhar com a terra. Eles ficavam quinze dias lá e quinze dias na comunidade e a gente acompanhava o trabalho deles, fazíamos visitas e isso ensinou muito a gente e ajudou muito a juventude. Ele existe ainda em outras regiões, mas aqui acabou, uma pena.

Lá no “Saberes da Terra”, eu encontrava com jovens sempre e certo dia uma das jovens participantes do programa, chamada Luana, perguntou-me:

– Tia Nenzinha, por que a gente deve aprender a lidar com a terra, se a vida boa está na cidade?

O Vandinho, que também participava, reforçou:

– É verdade! Eu ouço dizer que é na cidade que tem trabalho!

Eu então respondi:

– O compromisso com a terra é um trabalho muito

valioso. A gente tem que cuidar da terra, para que quando vocês tiverem a minha idade, vocês possam sobreviver!

Os jovens não se deram por satisfeitos e seus rostos mostravam que não concordavam com aquilo.

8

– Assim, tia, a gente gosta do campo e de aprender a lidar com a terra como estamos fazendo aqui, mas uma coisa que me pergunto sempre é: se as oportunidades estão na cidade, nós não deveríamos nos formar e ir para lá? – interveio Carlinhos.

Logo eu percebi que os jovens não querem ficar no campo, eles querem ir para a cidade. Imagine só o que será do mundo se o campo não existir mais? Se não tiver quem produza o alimento saudável, quem plante, quem molhe, quem cuide dos animais? Fiquei muito preocupada, pensando na incerteza que seria o futuro sem quem valorize e cuide da terra e senti que eu precisava dar um recado muito sério para a juventude. Então eu disse:

– Sei que muitos de vocês não levam a sério o que nós, mais velhos, falamos, e dizem: Esses velhos não

sabem de nada. Onde que esses velhos estão com a cabeça? Não sei nada não. Isso é coisa do passado. Mas a coisa do passado que nós temos hoje é o que está nos segurando, não é? Eu acho que vocês jovens têm que se preocupar em ter um pedacinho de terra. Não precisa ser terra grandona, mas vocês precisam ter essa preocupação, correr atrás dos seus direitos. Estudar, se formar e valorizar o pedacinho de terra que tem. A terra dá a comida, o remédio, cuida da gente e dos animais. Como vai ser o futuro sem quem cuide dela?

– É verdade, tia, imagina só se não tiver mais gente como você, que planta, rega, cuida, alimenta... O mundo vai acabar! Não vai ter mais planta que cura, mais comida no prato, mais animais. Mas... aqui no campo a vida é tão difícil, né? – opinou Vandinho.

Engajada em mostrar para eles o valor da vida no campo, respondi:

– Eu acho que a vida aqui é muito mais saudável, é uma vida muito mais tranquila do que a da cidade. As pessoas de lá já são adaptadas, mas a gente não. O trabalho na terra dá dignidade à pessoa. A gente vive mais à vontade, tem alimentação mais saudável, a

saúde é melhor. Se nós cuidarmos bem da terra, ela nos devolve aquilo que precisamos de fertilidade. A terra é a nossa mãe. Sem ela nós não temos condição de vida.

– Isso é verdade – concordou Luana – lá na cidade a vida não tem tanta qualidade como aqui. Na cidade grande não conseguimos pisar na terra. Você queima o pé no asfalto. E a saúde da terra é transmitida para nós através dos pés. A gente pisa na terra, pisa nela. Então ela transmite essa fertilidade e a gente tem uma vida mais digna, mais saudável.

– Imagine só, não dar conta de andar descalço? Credo! Aqui não. Eu levanto cedo e rodo o trecho é descalço. Eu não tenho piso, por mais que esteja quente – exclamou Léia, do fundo da sala.

– É, e eu vejo a felicidade de mãe e pai lá em casa, conseguindo ver a plantinha crescer. Isso motiva a gente demais, né? – completou Carlinhos.

Eu continuei explicando:

– Nós temos que ser preparados pra viver aqui. Eu acho que nossos jovens têm que ser preparados pra

viver aqui. Porque, se vão pra cidade, vão depender de outras pessoas para produzirem e levarem os alimentos. Na cidade não se produz muito, não é? Às vezes, tem alguém que tem um quintalzinho, planta um pouquinho, outro planta um pouquinho. Mas lá não tem produção pra manter a cidade. Então, de onde vem? É do meio rural, é da terra, que é a nossa mãe. Por isso, temos que cuidar dela! Às vezes, as pessoas da cidade, quando veem o alimento na mesa, o arroz, o feijão, a alface, a cenoura, não lembram que foi a terra e o trabalhador do campo que permitiram que aquilo chegasse ali, não é mesmo? Então a juventude tem que se preocupar com isso.

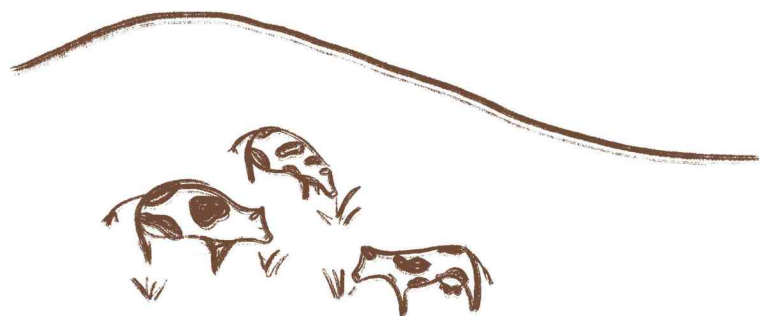
Provoquei a turma com a seguinte pergunta:

- De onde vem o leite?
- Ora, tia, da vaca! – gritou Luana.
- E as frutas?
- Do quintal! – responderam em coro.
- E o arroz?

– Uai, do pé, tia! – disse Vandinho.

– Pois bem – ponderei – sem valorizar a terra, muitos acham que o alimento já vem pronto. Mas como vocês bem disseram, o leite não vem da caixinha, o arroz não vem do saquinho e as frutas não vêm do sacolão! É daqui da roça que sai tudo isso. E se não tem quem cuide da terra para produzir o que chega à cidade, como vai ter leite, arroz e frutas? Porque tudo que a gente come vem da terra! É por isso que jovens assim como vocês precisam amar a roça.

– Viver na terra é a melhor coisa! – exclamou Luana.



Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

